



A teoria da linguagem de Hjelmslev: uma epistemologia imanente do conhecimento

Waldir Beividas*

Resumo: Em continuidade ao pensamento de Saussure, Louis Hjelmslev nos legou elementos sólidos para estabelecer uma teoria com metodologia descritiva da língua natural, de cunho integralmente imanente, teoria e metodologia aprimoradas para serem constantemente produzidas e conduzidas a partir do interior da própria língua – tal como pleiteava ele, ao modo de uma linguística linguística – que não deixasse invadir suas descrições com argumentos, critérios, conceitos e pontos de vista oriundos de regiões transcendentais à língua, seja no seu plano da expressão, por critérios físico-acústicos, fisiológicos e congêneres, seja no seu plano do conteúdo, por conceitos psicológicos, sociológicos ou filosóficos, dentre outros. Suas formulações sobre uma linguística *sui generis*, imanente, operada com uma metodologia também imanente, nos legaram algo não muito bem notado, pouco enfatizado, ou ao menos não levado às últimas consequências, pela literatura linguística e semiótica até hoje, e até onde pude acompanhá-la. Este texto examina algumas das teses peremptórias de L. Hjelmslev sobre a linguagem como a forma básica pela qual concebemos o mundo à escala da fenomenologia humana. Pretende arguir que, em formulações hjelmslevianas sobre a imanência e sobre a língua natural, desenha-se uma verdadeira epistemologia do conhecimento, também imanente. Mais que isso, essa epistemologia ultrapassa o campo restrito das linguísticas e de sua própria metodologia imanente, defendida sobretudo nos *Prolegômenos*. Ela se direciona para o amplo campo das ciências, arrisco-me a dizer, das ciências humanas e também das ciências naturais. Tal epistemologia veio, no meu entendimento, anunciada com o gesto saussuriano da proposição do princípio do arbitrário do signo, do pacto semiológico que ele instaura e do contínuo ato semiológico que dele deriva como modo de presença e vida dos signos na vida social.

Palavras-chave: semiótica, imanência, arbitrariedade, epistemologia, conhecimento

C'est par sa contribution à l'épistémologie générale que la linguistique révélera incontestablement son importance.

Louis Hjelmslev (1971a: 12)

1. Prolegômenos em Homenagem a Louis Hjelmslev (1899-1965)

Este texto quer-se como homenagem a Louis Hjelmslev, em própria escala, por várias razões. Primeiramente, homenagem de reparação, desagravo, diante da enorme desproporção, injusta na história, entre o pensamento desse mestre, tão rico em profundidade teórica para o mundo das ideias linguísticas, quanto fecundo pelas iniciativas operatórias em metodologia

descritiva da língua natural e das linguagens em geral, e o quase completo desconhecimento pela linguística mundial. Escolhido cedo pela Morte para lhe fazer companhia eterna, não pôde estar no epicentro do vigoroso debate estruturalista que tomou vida na Europa justo à época em que já não estava mais¹. Claude Zilberberg tem a formulação mais acertada e sintética: “1. O esforço teórico de Hjelmslev é incomparável. 2. O pensamento de Hjelmslev só se prestou até agora a uma difusão restrita” (2006: 4).

É certamente ilusório e utópico querer imaginar que um dia o imenso tabuleiro das categorias do seu *Résumé* (1975[1943]) – uma sucessão de definições, perto de quinhentas, acompanhadas de mais de duzentas regras sob a égide de sete princípios – pudesse ter-se

* Docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP). Endereço para correspondência: (waldirbeividas@gmail.com).

¹ Chega a ser dramático verificar que, anunciada ansiosamente por Hjelmslev desde meados dos anos 40 de seu século em várias correspondências a colegas, como E. Benveniste, R. Jakobson, B. Pottier, ele não tenha podido ver em vida a tradução francesa tão desejada de seus *Omkring (Prolegômenes à une théorie du langage, 1971a)*. Uma tradução precária foi por fim efetivada, apenas três anos após sua morte e corrigida mais três anos depois (cf. Ablali & Arrivé, 2001).

tornado aparelhagem descritiva corrente em classes de linguística².

O imaginário científico dessa disciplina tomou outro caminho, desde os anos 30 do século pioneiro da linguística contemporânea: . Praga venceu Copenhague, da fonologia de Jakobson & Troubetzkoy aos funcionalismos hodiernos, tendo cruzado esse caminho a teoria chomskiana, calcada cartesianamente em faculdades mentais inatas, maciçamente dominante hoje no mundo linguístico. Nada disso impede no entanto que possamos continuar a trabalhar seu pensamento, sobretudo quando olhado seu horizonte, o qual prima por duas virtudes maiores, eleitas como estética, tal como Hjelmslev revela numa entrevista sobre a teoria da linguagem: a objetividade e a precisão enquanto “aspiração à beleza” (1985[1941]: 86)³.

A segunda razão vem de que o linguista dinamarquês, em continuidade ao pensamento de Saussure, nos legou elementos sólidos para estabelecer uma teoria com metodologia descritiva da língua natural, de cunho integralmente *imanente*, teoria e metodologia aprumadas para serem constantemente produzidas e conduzidas a partir do *interior* da própria língua – tal como pleiteava ele, ao modo de uma *linguística linguística* (como será retomado logo adiante) – que não deixasse invadir suas descrições com argumentos, critérios, conceitos e pontos de vista oriundos de regiões transcendentais à língua, seja no seu plano da expressão, por critérios físico-acústicos, fisiológicos e congêneres, seja no seu plano do conteúdo, por conceitos psicológicos, sociológicos ou filosóficos, dentre outros.

Mas o que me move sobremaneira na homenagem deste texto é uma terceira razão: suas formulações sobre uma linguística *sui generis*, imanente, operada com uma metodologia também imanente, nos legaram algo não muito bem notado, pouco enfatizado, ou ao menos não levado às últimas consequências, pela literatura linguística e semiótica até hoje, e até onde pude acompanhá-la. Cabe-me arguir que, em formulações hjelmslevianas sobre a imanência e sobre a língua natural, desenha-se uma verdadeira *epistemologia do*

conhecimento, também imanente. Mais que isso, tal epistemologia – a ser aqui perseguida e desenhada em seus contornos gerais – ultrapassa o campo restrito das linguísticas e de sua própria metodologia imanente, defendida sobretudo nos *Prolegômenos*. Ela se direciona para o amplo campo das ciências, arrisco-me a dizer, das ciências humanas e também das ciências naturais⁴.

Tal epistemologia veio, no meu entendimento, anunciada com o gesto saussuriano da proposição do princípio do arbitrário do signo, do pacto semiológico que ele instaura e do contínuo ato semiológico que dele deriva como modo de presença e vida dos signos na vida social.

2. Saussure e o princípio do arbitrário: a imanência anunciada

A busca por Saussure de princípios básicos para erigir uma teoria linguística parece ter deixado como legado algo muito além da sua busca. Com efeito, coisa consabida, o princípio do arbitrário se dá na célula interna do signo criando aí o sistema, também interno, de valores diferenciais, que põe em relação um (plano do) significante e um (plano do) significado, não importa em que dimensão essa relação se verifique: do fonema mínimo ao discurso máximo. E a língua fica assim constituída. Uma teoria linguística que respeite essa internalidade só pode se definir como teoria *imanente*: tem de se construir *de seu interior*, ou em si própria (Saussure, 1995: 24)⁵.

Mas, igualmente consabido em linguística, o princípio da arbitrariedade alcança também a relação do signo com um referente, o qual se torna instantaneamente internalizado. O referente designado pela operação sígnica da língua (em todos os seus níveis) também ele se torna, pela operação, imanente à linguagem. Não importa que o signo remeta a um referente tal qual algo comumente aceite como dados no mundo concreto ou que remeta a uma operação mais abstrata: “é um acidente quando o signo linguístico corresponde

² *Résumé of a Theory of Language* indica em seu prefácio ter sido destinado à publicação nos anos 1943-1944, como versão preliminar de um trabalho completo e “definitivo”, *An outline of a Glossematics*. Com a colaboração de seu colega H.J.Uldall, desde inícios dos anos 30, fora inicialmente apresentado como brochura num congresso de Copenhague, em 1936, fato que Greimas reputa – em prefácio a *Le Langage* (Hjelmslev, 1966: 9) – de importância igual (“*qui fait date*”) à da afirmação da fonologia no Congresso de Haia em 1928. O trabalho completo deveria concluir-se por ambos após suspensão durante a guerra, fato todavia jamais ocorrido. O *Résumé* foi concebido, exclusivamente da pena de Hjelmslev, de maneira “muito concisa”, diz ele, apresentando-se sem exemplos, sob a forma de “operações com as definições necessárias, as regras e os princípios que aí entram”, como procedimento de descrição “de uma língua qualquer sob a forma de uma sucessão de operações” (cf. Hjelmslev, 1975). Também não contemplou as reflexões acerca dos *Fundamentos da teoria da linguagem*, como seria a tradução literal do dinamarquês, que acabaram recebendo, por sugestão e desejo do tradutor F. J. Whitfield, título julgado mais impactante: *Prolegomena to a theory of language* (cf. Badir, 2014: 75).

³ Os originais porventura citados ao longo deste texto terão versão minha.

⁴ Devo esclarecer que este texto foi composto antes de me vir ao conhecimento o livro denso e volumoso de Sémir Badir, *Épistémologie sémiotique. La théorie du langage de Louis Hjelmslev*, (2014), cujo objetivo maior é também demonstrar o alcance epistemológico da teoria do linguista de Copenhague.

⁵ Por certo, os termos “imanente” ou “imanência” não figuram no pensamento de Saussure. Nada obsta entretanto que já se evidencie a atitude imanente solidamente presente no linguista, a ser em seguida decididamente explorada e explicitada como metodologia descritiva por Hjelmslev, o mais arguto continuador de Genebra.

a um objeto definido pelos sentidos como um *cavalo*, o *fogo*, o *sol*, e não a uma ideia como ‘*έθηκε* (ele colocou)’ (2002: 230). Todos fazem parte igualmente de um mundo tornado referente interno para as operações de construção do sentido linguageiro. Caso contrário, a simples expressão “pôr o carro na frente dos bois”, fosse o mundo externo conclamado a aí adentrar, nos levaria a uma problemática referencial de horizontes sem fim e certamente não pertinentes para os efeitos de sentido que a singular expressão cria e introduz na comunicação humana.

Então a linguagem humana porta a façanha de internalizar o mundo, de retirar-lhe qualquer essencialidade supostamente prévia, antelinguagem, e de torná-lo humanamente linguageiro; porta a façanha de tornar-se sua matriz fenomenal, atraindo-o também para uma instância perceptivo-cognitiva de estatuto igualmente linguageiro e igualmente imanente. A operação semiológica, qual seja, o ato semiológico do sujeito, faz todo objeto de conhecimento adentrar o universo imanente da linguagem. Esse me parece o legado de Saussure que ultrapassou a busca dos princípios de sua linguística, espécie de *bônus epistemológico* que, espólio às mãos, cabe explorar na sua radicalidade, dar-lhe um perfil robusto, até onde os argumentos estejam ao alcance desse tipo de estudo.

Em função disso, impõe-se a pergunta: haverá alguma forma de conhecimento ou de apreensão do mundo que se dê *fora* de um ato semiológico? Noutros termos, a imanência gerada pelo ato semiológico atinge apenas a esfera da língua natural e portanto apenas a esfera de uma teoria particular (a linguística)? Ou se estende também a uma epistemologia geral do conhecimento? Eis o desafio que a Semiologia de Saussure nos põe e que cabe examinar em vários ângulos e por todos os meios.

Frente a tal desafio, temos de começar por discordar de algumas formulações do próprio Saussure, tanto no *Curso* como nos seus *Escritos*:

Outras ciências trabalham com objetos dados previamente e que se podem considerar, em seguida, de vários pontos de vista; em nosso campo, nada de semelhante ocorre (. . .) Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto (1995: 15).

Eis nossa profissão de fé em matéria linguística. Em outros domínios, pode-se falar de coisas em um ou outro ponto de vista, na certeza de que se está num terreno firme no próprio objeto. Em linguística negamos em princípio que haja objetos dados, que haja coisas que continuam a existir quando se passa de uma ordem de ideias a uma outra,

e que se possa permitir considerar as “coisas” em várias ordens, como se fossem dadas por si próprias (. . .) porque é o ponto de vista ele apenas que FAZ a coisa (2002: 201).

Pelas duas citações, vemos que Saussure circunscreve apenas a linguística como derivada do *ponto de vista* criado pela operação semiológica (o princípio do arbitrário, que vai fundar a língua como sistema de valores diferenciais internos entre seus signos). Para as demais ciências, ou para outros domínios, ele admite que operem sobre objetos dados de antemão, seguras que estariam essas ciências em terreno firme a partir de objetos previamente dados, externos. Ora, o desafio da presente reflexão é o de recusar a limitação que Saussure emite, datada na episteme de época. Cabe perseguir o intento de estabelecer para todo e qualquer domínio do conhecimento, da filosofia mais transcendental à ciência mais realista, a extensão da coerção semiológica, alçá-la a único meio de criar os seus objetos, a partir de seus signos operados em discursos vários, não importa em que esfera do conhecimento humano ou em que estrato de camadas do real as ciências operem. O desafio abrange assim a tarefa de tornar Saussure, por assim dizer, mais radicalmente saussuriano. Nenhuma ciência pode operar com objetos já previamente dados. Cada uma delas *constrói* discursivamente seus objetos delimitando seus confins e sua “realidade”.

Este entendimento obriga a adentrarmos na esfera epistemológica do conhecimento. Cabe portanto examinar esse anúncio epistemológico de Saussure sob novo ângulo, qual seja através do ângulo do conceito de imanência para ver em que medida tal conceito pode corroborar e balizar melhor tal epistemologia. É no pensamento do linguista Louis Hjelmslev que o conceito de imanência ganhou estatura e espessura devidas.

3. A imanência e seus azares

Antes mesmo de entrarmos mato a dentro na floresta densa do conceito de imanência em Hjelmslev cabem algumas considerações gerais. Na perspectiva de suas relações de interface com outras disciplinas humanas, o conceito de imanência parece condenado a um irresolúvel pomo de discórdia entre a semiótica e outras teorias textuais ou do discurso, as quais fundamentalmente a acusam de ser cega aos dados reivindicados como externos ao texto, ao discurso. O flanco mais vulnerável sob ataque pode talvez ser identificado no famoso adágio greimasiano, repetido e estigmatizado à fartura: *fora do texto não há salvação*. Lançado mais incisivamente por Greimas numa conferência no Brasil, em 1973, o fora justamente num contexto de

⁶ “Fora do texto não há salvação. Todo o texto, nada senão o texto, e nada fora do texto”. Tal expressão finaliza a conferência intitulada “*L’énonciation. Une posture épistémologique*” (1974: 9-25).

raciocínio em que discorria sobre a delicada questão de como analisar criteriosamente o *sujeito da enunciação*⁶. Para convocar o sujeito em análise parece inelutável que se exija a presença imediata de seu corpo, de sua história ou biografia, de sua percepção, de sua psicologia, seu caráter, enfim, uma série quase infinda de reivindicações, pleiteadas como exteriores ao discurso sob exame, transcendentais a ele. Nem mesmo foi suficiente o fato de a teoria ter revisto e atualizado continuamente a diretiva do adágio, incorporando nele o contexto, o cotexto, o intertexto, o interdiscurso, para dar conta de todas as isotopias, analogias, alusões ou remissões que reverberam no texto sob exame, vinda de alhures. Esquece-se rapidamente o que o adágio trazia como novidade e como advertência para que a análise de um objeto discursivo não planasse à deriva, em voo livre, inflada pelo imaginário descompromissado do descritor, abertas as “torneiras”, dizia Greimas em sua metáfora, de “algo que vos ultrapassará” (1974: 25).

Imanência, sobretudo quando e porque misturada à *forma* e à *estrutura*, se tornaram juntas, por décadas a fio, o tripé de conceitos demonizados por acusações provindas de ambientes fora da semiótica, um contagiando os outros, e todos superpostos misturadamente, superposição forçada, à beira de lesa-conceitos, enfim todos eles a cometer o grave delito de fazer perder a “riqueza” do texto, apagar a História, tanto quanto a história viva do sujeito, engessar a análise numa camisa de força ahistórica, associal, asséptica, míope, formalista, imanentista, estruturalista, todos adjetivos tidos por iguais anátemas, e disparados cumulativamente.

E mesmo no âmbito das pesquisas no interior do campo semiótico, se o conceito de estrutura soçobra em consenso, Hjelmslev é veementemente acusado, por alguns semioticistas, de formalismo exacerbado, cego aos reclames da *substância* (que transcenderia à forma). E o conceito de imanência, quase absorvido ao de formalismo – mais uma vez em risco de lesa-conceitos – se torna palco de disputas acirradas e de condenações até mesmo agressivas, internas ao campo semiótico.⁷

Que não nos iludamos: é de fato sempre difícil defender o estatuto de imanência para a teoria linguística e teoria semiótica quando estamos diante dos dados brutos do mundo, dos dados históricos anteriores ao texto examinado, das vicissitudes biográficas do sujeito autor ou enunciador do texto, vicissitudes de seu corpo perceptivo, seu contato sensível em anterioridade à

apreensão inteligível, dentre tantas outras reivindicações congêneres. Surge então a questão de que atitude teórica tomar diante desse conceito. Ele já estaria obsoleto, não responde mais inteira e coerentemente aos dados sob análise? Teria já cumprido seu papel metodológico de disciplinar o imaginário do descritor, para não perder os lastros estruturais que o discurso sob exame lhe fornece?

Na busca de uma razão plausível para o antagonismo das posições, cabe aqui uma pequena hipótese, em reflexão geral: um destino funesto parece assombrar praticamente todas as teorias. Seus *pontos de vista*, cuidadosamente construídos, sempre correm o risco de ser mergulhados num cenário de *anamorfose*. O famoso quadro *Os embaixadores*, pintura a óleo de Hans Holbein em 1533, pode nos ajudar a ilustrar o argumento:



Figura 1

Ao percorrer com olhar de cidadão atento o quadro, notamos figuras inseridas, todas claras e nitidamente colocadas num plano médio, tudo bem disposto e bem postado, bem focado, figuras humanas e objetos arranjados em seus lugares, salvo um elemento estranho sobre no plano inferior do quadro, algo obtuso, disforme e que parece flutuar no chão da cena, sem contorno, sem proveniência, sem destino, como que atravessando a tela tal um cometa em fuga oblíqua? Basta, no entanto que giremos a tela sob um novo ângulo determinado, um novo ponto de vista:

⁷ Por exemplo, recentemente, numa das sessões do Seminário Internacional de Paris, em novembro de 2013, J. C. Coquet, crítico mordaz do princípio da imanência (cf. 1991), com muita ironia diz logo no início de sua conferência que aceitara falar ali porque lhe foi garantido no convite que não havia ali apenas os “partidários obscurantistas do imanentismo” (*les tenants obscurantistes de l’immanentisme*). Ao final da conferência a agressividade aumenta: ficar preso à imanência, a seu ver, “é aterrorizante, é coxo” (*c’est terrorisant, c’est bancal*). Prossegue a crítica afirmando que “a história do imanentismo é a história do bloqueio (*blocage*) do pensamento dos semioticistas; que o grupo semiótico se deleitou (*s’est complu*) no imanentismo achando que era um refúgio e ao mesmo tempo uma espécie de ninho no qual sentem-se bem, quente, caloroso, onde nada se tem a perder, um universo fechado, bloqueado, onde se podem fazer esquemas, só isso” (áudio divulgado por Ivan Darrault à época).



Figura 2

E que ampliemos o objeto em questão:



Figura 3

Eis que surge algo novo, um objeto, desta feita bem nítido, simétrico, perfeito, agora “familiar”, que oferece um sentido forte, talvez mesmo uma reverberação de sentidos múltiplos, cuja análise não é o caso de ser levada adiante aqui, salvo a breve menção à pertinência das articulações fundamentais do quadrado semiótico, o qual, com vida *vs.* morte e natureza *vs.* cultura, destila as temáticas primeiras que parecem comandar em nível profundo o imaginário humano em geral⁸.

O conceito de imanência é certamente um objeto anamórfico desses: quanto mais nos situemos no ângulo de seu ponto de vista específico, próprio, escolhido, fundado, mais ele se revela claro, simétrico, coerente e necessário; por sua vez, mais se adote outro ponto de vista, seja do realismo ingênuo (o plano americano do quadro), seja do realismo das ciências naturalistas, seja do transcendentalismo de filosofias, eis que o conceito de imanência aparece deformado, torcido, estranho, medonho e dispensável. É compreensível então entender os adjetivos agressivos de Coquet. O ponto de vista do outro nos é sempre anamórfico, em

variados graus, quanto mais se está distante do centro nervoso dele.

Assim colocadas as dificuldades, procuro defender aqui o princípio hjelmsleviano de imanência e até mesmo meios de radicalizá-lo. As reflexões tentam aqui girar o quadro para fazer sobressair o estatuto de princípio epistemológico, inelutável, para as teorias do conhecimento, para a filosofia e ciências em geral, portanto perspectiva talvez ainda bem anamórfica à primeira vista.

4. A imanência como metodologia em Hjelmslev

Dos anos 1930 aos anos 1950, em reflexões já precocemente maduras do seu pensamento – *Prolégômenes* (1971a[1943]), *Essais linguistiques* (1971b[1941-1958]), *Le langage* (1966[1936-1943])⁹ – o linguista fundador do Círculo de Copenhague aprumou suas estratégias teóricas para defender – *como hipótese*, frisa ele por diversas vezes – a validade de um método que propunha evitar que a linguística mantivesse seu campo estudado a partir de pontos de vista exteriores à própria língua, tal como vinha ocorrendo até então. Num texto da maior elegância teórica, quanto à definição de uma *linguística estrutural*, defendia a abordagem da linguagem não de fora, mas de dentro: a uma linguística biológica, psicológica, sociológica, filosófica, dizia o pesquisador renascido em Saussure, cabia por hipótese a tentativa de uma “linguística linguística, ou linguística *imanente*” (1971b: 30). Usa do mesmo argumento, chamando-as de atitude *transcendental*, para caracterizar as investigações da linguagem pelo exterior. Em quase todas as referências dos *Prolégômenes* toma o termo transcendente em sentido genérico – “no sentido próprio, etimológico do termo” (1971a: 10). Seu propósito, no capítulo “Perspectivas da teoria da linguagem”, assim se abre:

Evitando a atitude transcendental que prevaleceu até aqui, a teoria da linguagem busca um conhecimento imanente da língua enquanto estrutura específica que se funda apenas em si própria (1971a: 31)¹⁰.

Aqui, portanto, imanência se opõe a transcendência, ou exterioridade, como *disciplina de método*. Se puder resumir numa palavra o núcleo duro dessa atitude de Hjelmslev, diria que o conceito de imanência, numa primeira vertente de entendimento, se deixa ver como *imanência metodológica*: ao linguista caberia cons-

⁸ As expressões “estranho” e “familiar” dos parágrafos querem remeter às reflexões psicanalíticas de Freud no texto “Lo siniestro” (1973), igualmente pregnantas na criação de seu objeto de conhecimento, inusitado até sua intervenção: o *inconsciente*.

⁹ Em prefácio a *Le langage*, Greimas conta que o jovem linguista de Copenhague, ainda com menos de trinta anos, confessa ter saído de seu estágio em Paris, com Meillet e Vendryès, em 1926 e 1927, como de um segundo nascimento científico. É desse renascimento que praticamente toda sua produção teórica terá tido as marcas, diz Greimas, como de um único projeto de sua vida (Hjelmslev, 1966: 9).

¹⁰ Sémir Badir (2014: 53) adverte que a tradução francesa em “transcendental” foi mal feita, prestando a confusões, visto que os usos em dinamarquês se traduziriam melhor por “transcendente”. Evito aqui entrar em polêmica considerando-os como sinônimos.

truir uma teoria da linguagem por meio de critérios e conceitos definitórios que fossem apenas derivados do interior da própria linguística para a descrição de sua gramática geral. A linguística deveria assumir e construir-se como *metodologia imanente*.

Com esse primeiro gesto imanente do linguista, ele, na verdade, propiciou a seus seguidores não apenas o espaço de uma linguística que se construísse de dentro mas também os subsídios primeiros da criação de uma *teoria semiótica imanente*, que não atraísse para o palco dos conceitos e da descrição (das demais linguagens não verbais), metodologias oriundas de teorias hermenêuticas, sociológicas, literárias (do cinema, do teatro, da pintura. . .), ou filosofias diversas. Dispensem os comentários sobre valor e heurística dessa posição, sobre o quanto ela pôde permitir que a semiótica se compusesse com pertinências específicas e inusitadas, perante outras teorias, para a descrição de seus objetos, mesmo perante críticas generalizadas de que imanência significa *reduccionismo* (quando não obscurantismo).

Por isso, interessa aqui lembrar os capítulos finais dos *Prolegômenos*. Eles testemunham o itinerário de construção da sua metodologia imanente; testemunham e legitimam a ‘redução’ provisória a que fora obrigado empreender pondo entre parênteses as substâncias respectivas, do plano da expressão e do plano do conteúdo, com seus múltiplos matizes e variáveis, em função de arquitetar o esquema puramente formal da língua, esquema tornado “semiótico” no capítulo 22, condição prévia à conseqüente ampliação do foco:

De catálise em catálise (. . .) todas as grandezas que, em primeira instância e perante apenas ao esquema da semiótica-objeto, deviam ser provisoriamente descartadas como objetos não-semióticos, são reintegradas e compreendidas como componentes necessários de estruturas semióticas de ordem superior (1971a: 159).

A imanência metodológica acionada na construção da teoria se revelou pois como uma “limitação provisória de nosso campo visual”, diz Hjelmslev, que sacrificava “flutuações e nuances”, às expensas da fenomenologia da vida, da realidade concreta. Esse era o custo necessário para “arrancar da linguagem seu segredo”. Mas o custo se reverte em ganho: a aventura imanente da teoria da linguagem “devolve generosamente o que tinha de início cobrado” e, prossegue o linguista imanente: “A linguagem, tomada em sentido mais amplo do que aquele que lhe atribuí a linguística contemporânea, retomou sua posição-chefe no domínio do conhecimento” (1971a: 160).

Tomadas até aqui as coisas, vê-se que essas derradeiras reflexões do *Prolegômenos* atestam à teoria da linguagem um papel regente, federativo, perante o

conhecimento, por deduzir que “não há nenhum objeto que não possa ser esclarecido a partir da posição chave que a teoria da linguagem ocupa” (p. 159). Pela total imanência da teoria da linguagem fica recuperada a total transcendência da fenomenologia humana global:

Ao invés de pôr em cheque a transcendência, a imanência ao contrário lhe devolveu uma base nova mais sólida. A imanência e a transcendência se juntam numa unidade superior fundada na imanência. A teoria linguística é levada por necessidade interna a reconhecer não apenas o sistema em seu esquema e seu uso, em sua totalidade assim como nos seus detalhes, mas também o homem e a sociedade humana presentes na linguagem e, através dela, elevar-se ao domínio do saber humano em sua totalidade. A teoria da linguagem atingiu assim o objetivo que se atribuiu: *humanitas et universitas* (1971a: 160).

5. Da imanência metodológica à Imanência epistemológica

O parágrafo final dos *Prolegômenos* é com efeito lugar privilegiado para se notar o acabamento da metodologia imanente da teoria da linguagem de Hjelmslev. Mas essas derradeiras formulações atraem a curiosidade e exigem um exame mais detido desse *grand final* conciliador entre imanência e transcendência. Que ordem de “unidade superior” pode ser detectada e como conceptualizá-la, de vez que a imanência metodológica já teria bem cumprido seu papel?

Michel Arrivé tem razão em notar a maneira “um tanto brusca” pela qual Hjelmslev formula a unidade superior fundada na imanência (2014: 51). É mesmo difícil imaginar o que teria tido Hjelmslev em mente ao dar de súbito à imanência, em parágrafo único e final de seus *Prolegômenos*, o governo das duas atitudes, imanência e transcendência, num patamar acima. Mas logo podemos suspeitar que estamos aqui diante de um novo estatuto de imanência, que não pode ser confundido com o anterior, imanência do método. Estamos diante de uma Imanência maiúscula, se assim posso dizer. Remanesce nessas linhas uma indicação de Hjelmslev que me parece ter passado algo despercebida e, por isso, ainda não explorada a contento pela teoria semiótica. É no encaço de alguma heurística que possa estar embutida e ainda escondida nessa imanência superior, que a reflexão se obriga a mover-se doravante.

De fato, ficou firmado o princípio da imanência – ao longo de todo o primor sintético dos *Prolegômenos* – como preço a pagar por uma linguística linguística, ou linguística imanente, desvincilhada de outros pontos de vista (biológicos, psicológicos, filosóficos), para

arrancar seu segredo à linguagem, como acabamos de ver. Ora, nessa derradeira tarefa ou proposição imanentista de Hjelmslev é possível vislumbrar uma nova vertente, melhor que isso, um novo programa de grande envergadura teórica, até hoje, ao que parece, inusitado. A primeira proposição, construída com a atitude acima explanada, fora a vertente metodológica que veio sendo seguida, mesmo sem total consenso pelos semioticistas, sobretudo com as fortes proposições greimasianas para evitar as atitudes *fora-texto*. Ora, em que pesem as nossas dificuldades de defendê-la e de fazermos entender sobre a sua heurística e legitimidade perante as disciplinas vizinhas, é possível extrair das derradeiras reflexões hjelmslevianas dos *Prolegômenos* um novo desafio de reflexão. Tal reflexão tem por incumbência ir ao encaço, ou tentar desenhar e conceptualizar a unidade superior, de que fala Hjelmslev. Esta governará, em imanência, os dois parceiros, imanência e transcendência, na abordagem geral e final do saber humano em sua totalidade, revelado pelo linguista como finalidade última e, ao mesmo tempo, necessidade interna da teoria imanente da linguagem.

A investigação que proponho aqui não se dá mais, portanto, perante o terreno da descrição ou da delimitação do cenário dos objetos a serem descritos (objetos imanentes), mas na postulação de um semiotismo global imanente que aqui estou chamando de epistemologia imanente, ou epistemologia discursiva, que a teoria semiótica teria a defender perante as demais epistemologias que se postam no campo do conhecimento humano, a epistemologia realista das ciências naturais e a epistemologia via de regra transcendental das filosofias.

Noutros termos, a hipótese de uma epistemologia imanente, discursiva, a ser perseguida implica um semiotismo imanente, tido como *a priori* de qualquer possibilidade de apreensão e de cognição do mundo, portanto de cunho bem mais coativo do que as coerções da atitude metodológica de *descrição* dos objetos semióticos (nossas lides cotidianas) que subscrevemos em Hjelmslev (e Greimas). A imanência teria, desta feita, de se ver e dialogar criticamente não propriamente com disciplinas laterais, na horizontalidade (sociologia, psicologia, biologia...), mas argumentar, na verticalidade, com as outras epistemologias. Vale a pena recorrermos a outros textos hjelmslevianos para extrair pouco a pouco o perfil dessa epistemologia discursiva.

Para isso, tomo como ponto de partida, a bem dizer, de continuação, a comunicação de Hjelmslev no IVº Congresso Internacional de Linguistas (1936), intuitu-

lado “Essai d’une théorie des morphèmes” e publicado nos *Essais linguistiques* (1971b: 161-173). É de se ficar perplexo na última página desse texto diante de uma reviravolta surpreendente do nível de reflexão. O texto apresentado nesse congresso prima por um grau de refinamento de alta tecnicidade, eminentemente linguística, sobre as categorias morfemáticas e as suas funções postas em cena. Ocorre porém que nas derradeiras linhas o leitor fica aturdido: de súbito, Hjelmslev faz uma mudança brusca, sincopada, quanto ao raciocínio técnico levado a efeito até então e, inesperada e laconicamente, insiste desta feita sobre as *consequências filosóficas* que sua teoria implica. A formulação nos chega em quatro golpes, diria, secos e cortantes, ou em quatro adágios téticos¹¹:

- i Os fatos da linguagem nos levaram aos fatos do pensamento;
- ii A língua é a forma pela qual concebemos o mundo;
- iii Não há teoria do conhecimento, objetiva e definitiva, sem o recurso aos fatos da língua;
- iv Não há filosofia sem linguística (1971b: 173).

O peso exorbita nas quatro teses o que autoriza e mesmo obriga a uma reflexão aprofundada sobre o estatuto de epistemologia que encerram. Quanto à primeira formulação, a dedução é cristalina: não há fatos de pensamento sem que haja primeiramente, como sua fonte, fatos de língua¹². Tal entendimento retoma e confirma Saussure:

Tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa onde nada está necessariamente delimitado. Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua (1995: 130).

A segunda formulação tética de Hjelmslev estipula um argumento igualmente vigoroso: o mundo que nos envolve não é outro senão o mundo da linguagem natural. Do terceiro decorre que uma teoria do conhecimento deve se *subordinar* à teoria da linguagem; o quarto é suficientemente retórico, com a condição de entendermos “linguística” mais globalmente como *teoria da linguagem*. Noutros termos, elas parecem suficientemente vigorosas e capazes de subverter primazias e subordinações que há milênios imperam. Por elas, o pensamento deve se curvar à linguagem, a organização do mundo e do real se deduz da linguagem, a filosofia e qualquer teoria do conhecimento não se elaboram sem a prevalência das categorias de linguagem.

¹¹ Cf. Houaiss gr. *thetikós, é, ón* = de ou relativo a tese, próprio e adequado a ser posto ou colocado em (tese).

¹² Há que se antepor aqui uma advertência: a oposição língua/linguagem não existe em dinamarquês que tem termo único (*sprog*), tal como a expressão *language* em inglês. Isso sempre dá flancos a disputas de entendimento. De modo que não vem aqui ao caso estipular-lhes uma diferença de estatuto. Com isso elimine-se desde aqui qualquer intenção de abraçar a tese restritiva da língua natural (verbal) como única matriz do conhecimento, o que ficou mundialmente conhecido como a tese Sapir/Whorf.

Se parto dessas quatro formulações inseridas abruptamente ao final de um texto puramente descritivo e técnico é apenas porque, pelo testemunho do próprio Hjelmslev, esse texto esboça os contornos de uma “síntese integral” que anunciaria sua obra maior, acima mencionada: *An Outline of Glossematics*. De modo que temos o direito de supor que esse quarteto tético, de formulações exorbitantes, poderia ser considerado como o esteio, a quatro cantos, do edifício epistemológico do seu pensamento. Vemos claramente desenhar-se nele a concepção *maximal* da linguagem por Hjelmslev, vemos desenhar o “maximalismo de Hjelmslev” (Zilberberg, 2006: 94), qual seja, a linguagem como *a forma* pela qual concebemos o mundo. Tal concepção maximizada da linguagem se espalha por diversos lugares da obra do mestre dinamarquês. Ela pede que revisitemos alguns textos.

Por exemplo, na abertura dos *Prolegômenos*, numa das mais belas páginas jamais escritas sobre o papel da linguagem na vida humana – pesemos bem na sequência cada grama das palavras que ele emprega (Hjelmslev, 1971a: 9) –, a linguagem aparece como “o instrumento graças ao qual o homem molda. . .”:

- *seu pensamento. . .* – e isto concerne a tudo o que se possa conceber como razão, e suas múltiplas razões, do raciocínio simples e ingênuo do homem da rua frente às evidências do mundo, à cogitação profunda e sutil do filósofo frente às aporias do mesmo mundo;
- *seus sentimentos, suas emoções. . .* – e isso indica a estrutura linguageira do psiquismo humano, seja no nível consciente, seja no nível inconsciente – estruturado como linguagem, defendida vigorosamente num primeiro Lacan, saussuriano¹³;
- *seus esforços, sua vontade. . .* – vejamos nisso todos os aspectos da intencionalidade (fenomenológica), da bravura da história (materialista) ou do obscuro desejo (psicanalítico);
- *seus atos. . .* – cuja sintaxe e semântica narrativa uma “semiótica da ação” já mostrou a centralidade que guarda a estrutura actancial como podendo projetar a organização imaginário humano quer no nível individual, quer no nível coletivo das suas práxis (cf. Greimas, 2014: 62);
- *graças ao qual ele influencia e é influenciado. . .* – igualmente aqui a “semiótica da manipulação”, assim como as vigorosas proposições freudianas sobre o fenômeno da “transferência” puderam já desdobrar suas estratégias quase que de fio a pavio;

- *o último e mais profundo fundamento da sociedade humana* – e eis aí o vasto mundo do social mergulhado na imanência da linguagem.

Nada a reprovar nessas definições de uma concepção maximal atribuída à linguagem, salvo as duas metáforas utilizadas na ocorrência e no mesmo trecho: (i) a metáfora da linguagem como “instrumento”, o que pode eventualmente fazer dela algo de externo do qual se pode servir, mas também deixar de lado, o que contradiz o coração da própria hipótese; (ii) a metáfora tecelã, a linguagem como “fio profundamente tecido na trama do pensamento”, qual seja, ver a linguagem como fios urdidos e tramados com os fios do pensamento pode dar margem à velha dicotomia linguagem-pensamento e deixar aberto o flanco para a reativação dos votos de autonomização do pensamento, que desde sempre (e talvez para sempre) assombra a filosofia e a psicologia, a nos mergulhar novamente em discussões intermináveis sobre as primazias de um lado ou de outro.

Ora, se essas definições para a linguagem nos levam, por causa e consequência, diretamente a uma teoria imanente e se, em nome da imanência, a teoria recusa todas as intervenções transcendentais da filosofia, mas também da psicologia, da sociologia, isto é, ramos das ciências humanas bem contempladas nos objetos mesmos da definição acima – o pensamento, a emoção, o social, etc. – isso não basta à epistemologia de Hjelmslev que vai se desenhando. É preciso ir até o fim. Desta feita, em nome do princípio de empirismo de suas investigações, a teoria do linguista recusa também as soluções positivistas, diz ele metafísicas, mais ou menos afetadas de realismo ingênuo:

O conteúdo da linguagem é o próprio mundo que nos envolve; as significações particulares de uma palavra (. . .) são as próprias *coisas* do mundo: a *lâmpada* que está aqui na minha mesa é uma significação particular da palavra lâmpada, eu sou eu próprio uma significação particular da palavra *homem* (1966: 157 – itálicos no original).

Sublinhemos bem: a coisa-mesma do mundo é a significação da palavra, a coisa do mundo *só pode ser* a palavra ela própria, não importa em que estrato natural do mundo se verifique, das coisas, da lâmpada, do mundo humano ou de mim mesmo. Segundo essa ótica imanentista, pretender que as coisas do mundo (e a subjetividade do homem) tenham independência em relação à sua existência semiótica imposta pela linguagem significa cair no realismo ingênuo.

Mas a fina flor do raciocínio de Hjelmslev, nessa passagem de *Langage*, obra contemporânea dos *Prolegômenos*, chega em seguida. As coisas de que acaba

¹³ “É forçoso admitir que é na ordem de existência de suas combinações, isto é, na linguagem concreta que elas representam, que reside tudo o que a análise revela ao sujeito como seu inconsciente” (1966: 269 – o destaque em itálico é meu).

de falar, lâmpada e homem, são bem naturalmente classificadas em *categorias*. Observa ele, em continuidade, que é difícil saber qual seja a ciência que se ocupe de estabelecer as categorias. Na verdade, admite, de um modo ou de outro todas as ciências o fazem. A conclusão nos vem em plena coerência, que disputa com a beleza teórica:

Não estaríamos errados em dizer que (...) todas as ciências que não a linguística são, a bem dizer, teorias relativas ao conteúdo linguístico estudado independentemente da estrutura da língua (1966: 157 – itálicos meus)

Eis portanto o mestre dinamarquês a colocar todas as ciências na imanência do conteúdo da linguagem. E ei-lo radicalizando as consequências:

Como só se pode conhecer a substância através da forma, e como a forma languageira [*sprogformen*] é a única forma objetivamente dada, o método linguístico é o único que permite um conhecimento objetivo da substância. Disso decorre que a ontologia deve ser fundada de maneira empírica e imanente¹⁴.

Em suma: é difícil imaginar que Hjelmslev emita proposições de tamanha envergadura como simples torneio retórico, sem ter disso conhecimento de causa. E a matéria? E os átomos, os neurônios? E a sensorialidade do corpo? Não são eles entidades ontologicamente externas à linguagem? Como entendê-los como simples conteúdo da linguagem, fundados empiricamente na imanência da linguagem? Tais questões retornam cíclica e milenarmente, e pedem esforços de reflexão até agora deixados apenas a filósofos. Respondê-las é uma tarefa longa e coletiva. Mas desde aqui já podemos desenhar o alicerce epistemológico do pensamento de Hjelmslev: a linguagem, por suas categorias imanentes e peremptórias é a infraestrutura-modelo para todas as ciências. A imanência hjelmsleviana pode assim galgar o degrau de um verdadeiro princípio de ordem epistemológica geral. Cabe-nos explorar no foro interno do campo semiótico o alcance que isso pode ter no universo das epistemologias do conhecimento do homem. ●

Referências

- Arrivé, Driss Ablali; Michel
2001. Hjelmslev et martinet : correspondance, traduction, problèmes théoriques. *La Linguistique*, 37(1), p. 33-57.
- Arrivé, Michel
2014. ¿Qué sucede con la inmanencia en la reflexión lingüística y semiológica de Saussure? *La inmanencia en cuestión I. Tópicos del Seminario. Revista de Semiótica n. 31. Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla*, p. 49-69.
- Badir, Sémir
2014. *Épistémologie sémiotique. La théorie du langage de Louis Hjelmslev*. Paris: Honoré Champion.
- Coquet, Jean-Claude
1991. Réalité et principe d'immanence. *Langages*, 25(103), p. 23-35.
- Freud, Sigmund
1973. Lo siniestro. Pp. 2483-2505, *Obras Completas T. III*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, p. 2483-2505.
- Greimas, Algirdas Julien
1974. L'Énonciation: une posture épistémologique. *Significação - Revista Brasileira de Semiótica. Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas: Ribeirão Preto (SP)*, nº 1, p. 09-25.
- Greimas, Algirdas Julien
2014. *Sobre o Sentido II*. São Paulo: Edusp.
- Hjelmslev, Louis
1966. *Le langage*. Paris: Minuit.
- Hjelmslev, Louis
1971a. *Prolégomènes à une théorie du langage*. Paris: Minuit.
- Hjelmslev, Louis
1971b. *Essais linguistiques*. Paris: Minuit.
- Hjelmslev, Louis
1975a. *Résumé d'une théorie du langage*. Travaux du cercle linguistique de Copenhague XVI. Copenhague: Nordisk Sprog-og Kulturforlag. [Traduction française partielle dans *Nouveaux Essais*, Paris, P.U.F., 1985, p. 87-130].
- Hjelmslev, Louis
1975b. *Résumé of a theory of language*. Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague. XVI, p. 1-279. Disponível em: <http://resume.univ-rennes1.fr/presentation.html>.
- Hjelmslev, Louis
1985. *Nouveaux essais*. Paris: Puf.
- Lacan, Jacques
1966. *Écrits*. Paris: Seuil.

¹⁴ Trecho de Resumo inédito de Hjelmslev, datado de 1937, traduzido por Peer-Age Brandt diretamente do dinamarquês, e publicado como Anexo em *Janus Quaderni del Circolo Glossematico II/12* (2013: 205).

[s/a]

2013. Janus. quaderni del circolo glossematico, ii/12. Treviso: Zel Edizioni.

Saussure, Ferdinand de

1995. *Curso de Linguística Geral*. 20^a ed. São Paulo: Cultrix.

Saussure, Ferdinand de

2002. *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard.

Zilberberg, Claude

2006. *Razão e poética do sentido*. Trad. I. C. Lopes, L. Tatit e W. Bevidas. São Paulo: EDUSP.

Dados para indexação em língua estrangeira

Beividas, Waldir

La théorie du langage de Hjelmslev. Une épistémologie immanente de la connaissance

Estudos Semióticos, vol. 11, n. 1 (2015)

ISSN 1980-4016

Abstract: *En donnant suite à la pensée de Saussure, Louis Hjelmslev nous a légué des éléments très solides pour établir une théorie et une méthodologie descriptive foncièrement immanentes à la langue naturelle. Cette théorie et méthodologie devraient être constamment produites et conduites à partir de l'intérieur de la langue. Selon lui-même, il s'agissait d'une linguistique-linguistique, qui ne saurait pas être envahie par des arguments, des critères, des concepts ou des points de vue revenant des régions transcendantes à la langue, soit dans son plan du contenu, par des concepts psychologiques, sociologiques ou philosophiques, soit dans son plan de l'expression pour des critères physico-acoustiques, physiologiques ou d'autres. Ses formulations sur une linguistique sui generis, immanente, opérée par une méthodologie aussi immanente, nous ont laissé quelque chose pas vraiment bien notée, très peu soulignée, et non amenée jusqu'au bout, à mon avis. Ce texte examine quelques thèses péremptoires de Hjelmslev sur la langue comme la forme par laquelle nous concevons le monde à l'échelle de la phénoménologie humaine. Ce texte prétend démontrer que dans ces formulations se dessine une vraie épistémologie de la connaissance, de statut immanent. De même, cette épistémologie dépasse le champ restreint des linguistiques et de sa propre méthodologie immanente dans ses Prolégomènes. Elle vise le champ large des sciences, on pourrait dire : des sciences humaines et aussi des sciences naturelles. Cette épistémologie, à mon sens, a été annoncée par le geste saussurien de la proposition du principe de l'arbitraire du signe, du pacte sémiologique qu'il instaure et de l'acte sémiologique constant qui en dérive en tant que mode de présence et de vie des signes dans la vie sociale.*

Keywords: *sémiotique, immanence, arbitraire, épistémologie, connaissance*

Como citar este artigo

Beividas, Waldir. A teoria da linguagem de Hjelmslev: uma epistemologia imanente do conhecimento. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://revistas.usp.br/esse>). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 11, Número 1, São Paulo, Julho de 2015, p. 1-10. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 06/Dezembro/2014

Data de sua aprovação: 11/Maio/2015
